

ANTONIO MIRANDA

RETRATOS
&
POESIA REUNIDA



© by Antonio Miranda – 2004

FICHA TÉCNICA

FOTO DA CAPA:

Margarita D'Amico

(Foto do autor tirada em Festival de Poesia, Caracas, 1969)

CAPA:

Antonio Miranda e Tagore Alegria

DIAGRAMAÇÃO:

Tagore Alegria

REVISÃO:

Raimundo Tadeu Corrêa

IMPRESSÃO:

Thesaurus Editora de Brasília

M672r Miranda, Antonio
 Retratos & poesia reunida / Antonio Miranda; –
 Brasília : Thesaurus, 2004.

112p.

1. Literatura, Brasil 2. Poesia, Brasília I. Título

CDU 82(817.4)

CDD 869.1B

ISBN: 85-7062-432-8

Todos os direitos em língua portuguesa, no Brasil, reservados de acordo com a lei. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou informação computadorizada, sem permissão por escrito do Autor. **THESAURUS EDITORA DE BRASÍLIA LTDA.** SIG Quadra 8, lote 2356 – CEP 70610-400 – Brasília, DF. Fone: (61) 344-3738 – Fax: (61) 344-2353 * End. Eletrônico: editor@thesaurus.com.br *Página na Internet: www.thesaurus.com.br – ENDEREÇO DO AUTOR PARA CORRESPONDÊNCIA: Caixa Postal: 4548, Campus Universitário UnB, Asa Norte, Brasília, CEP: 70919-970, E-mail: cmiranda@unb.br. Página do autor na internet: www.antonimiranda.com.br

Composto e impresso no Brasil
Printed in Brazil

Sumário

RETRATOS

BORGES	11
I	11
II	12
ÍTALO CALVINO	14
AS DIVAS	17
POESIA NO PORTA-RETRATOS	18
O MEARIN	21
O INFERNO	23
MAZZAROPI	24
AUTO-RETRATO	26
HEIDEGGER E AS MÃOS DE NILDO	28
BASTIDORES	31
MEMORIAL DO RIO DE JANEIRO	33
EDSON NERY DA FONSECA	36
TEMPOS DIFÍCEIS	37
TEMPO PARALELO	40
NEFELIBATA	41
BOCAGE	43
AS PALAVRAS	47
AVENIDA CORRIENTES	49
O LABIRINTO	51
MEU NOME	53
CRIANÇAS	54
POÉTICA	56
ZILA MAMEDE	57
TRIBUTO A KAVAFIS	59
SEM TUDO, SEM NADA	61

SIMIL	63
MALTHUS	65
A JANELA	66
O HOMEM CORDIAL	69
A CASA DA CHÁCARA	72
INOMINÁVEL	73
PAISAGEM	74
ENTRE PURO E OBSCENO	74
MENINOS-DE-RUA (MANEIRISMO)	75
SONS INTERIORES	77
O PÁSSARO	79
POSFÁCIO	80
CLOSE UP DE CÉLIO	80
RETRATO DE HUGO	82

POESIA REUNIDA

DO DISTANCIMENTO DO CORPO	86
DA MORTE	88
CAMINHOS DE INTEGRAÇÃO	89
QUEM É QUEM	90
A FOTO E O OLHO	92
O FATO E O OLHO	93
O FITO E O OLHO	94
AMANHÃ	94
A FRUTA	95
A QUADRATURA	97
SHOCK DO FUTURO	97
ORAÇÃO POR EMILINHA BORBA	99
POEMAS AVULSOS	102
O SUICIDA REPENTISTA	102
FUTUROLOGIA	103

Apresentação pelo autor

Segundo uma recomendação de Drummond de Andrade – em seu célebre poema... – destruí grande parte dos meus versos da infância e da puberdade. Não eram poesia. Respondiam a estímulos emulatórios, experimentando métricas apreendidas das leituras dos cursos primário e secundário (como eram então chamados as primeiras fases da educação regular).

Não sei se algum poeta jamais escapou desse mandato de iniciar-se pelo culto e imitação dos poetas mais célebres de seu tempo.

Os primeiros versos escrevi-os aos 9 anos, no convés do navio Ita em que viajei, com a família migrante, de São Luís do Maranhão para o Rio de Janeiro, em 1949. Salvaram-se alguns versos porque fazem parte de cadernos e álbuns conservados com zelo e mimo, num relicário ególatra e narcisista... (Nem tanto pelo interesse de guardar as memórias de infância – período não muito feliz de minha vida - mas por apego a alguns objetos pessoais).

Aos 12 anos eu “publicava” à mão um jornaleco de poesia com amigos do Grupo Escolar; aos 13 e 14 anos imprimia, na gráfica do tradicional O Fluminense, em Niterói, o jornal A Voz da Juventude em que era diretor, redator-chefe, principal colaborador, agenciador de anúncios e vendedor de exemplares... Saíram três

números apenas, em 1953, um deles com um soneto de minha autoria, que não mais reli. O diretor do Colégio Afrânio Peixoto, que era irmão do grande escritor, ofereceu-me uma bolsa de estudos no seu educandário, na cidade de Nova Iguaçu, e a co-responsabilidade pela edição de *O Acadêmico*. Mas nosso relacionamento durou pouco. Eu não tinha as convicções políticas, ainda menos as religiosas e menos ainda as “morais” que ele exigia de mim – o homem era admirador de Plínio Salgado – e eu expulsei-me do colégio... Virei autodidata por muitos anos.

Passei a ler vorazmente, de tudo. Tomava livros emprestados de amigos. Principalmente de uma biblioteca pública no bairro carioca do Rio Comprido e, mais adulto, comecei a freqüentar a Biblioteca Nacional. Este período de minha vida está devidamente registrado no meu livro *Manucho e o Labirinto* (São Paulo: Global Editora, 2000).

Sofri todas as influências possíveis. Dos arcádicos, dos românticos, dos parnasianos, dos surrealistas, dos concretos e neoconcretos, dos revolucionários e engajados politicamente, dos malditos e dos antipoetas. Sem nenhuma convicção ou fixação. Lia teatro, romance, contos, poesia e filosofia e, também, livros de história e geografia.

As viagens por todo o Brasil, como mochileiro, e por países vizinhos, na década de 60 e, como estudante e já como profissional, nos anos 70 e 80 do século passado, foram decisivas para a minha formação de autor. A fase carioca (até 1966) e a venezuelana (1966-1972) deram-me os alicerces de que até hoje me valho, mesmo depois de optar por Brasília, a partir de 1973. Temporadas na América Latina e na Europa deram-me

acesso a outras línguas e a estudos para expandir os horizontes intelectuais.

Os grandes temas – perdoem a pretensão – de minha poesia permanecem inalterados: o corpo, o tempo, o amor transitório ou transcendente, o agnosticismo, os símbolos e as mazelas nacionais. Acho que escrevo e re-escrevo os mesmos poemas, desde a juventude, para dizer as mesmas coisas, com o meu pessimismo ativo.

A propósito de “pessimismo ativo”, foi meu amigo – e revisor de plantão – Raimundo Tadeu Corrêa que chamou a atenção para a minha ligação com os tempos da contemporaneidade. Em certo sentido, creio estar na vertente de pensamento próxima a Walter Benjamim que, conforme o Dicionário de Filosofia, de Ferrater Mora (.....) ele “pensava numa utopia dentro da história. A utopia coincidia, a rigor, com a “origem”. Esta não é um passado histórico, mas um momento presente eterno, um tempo de agora (Jeitzzeit), que deve justificar e redimir todos os tempos e todas as injustiças. Isto distingue o “presente” de mera repetição mecânica em que se encontra imersa a cultura, e especificamente a cultura artística, burguesa”. Só que o Filósofo do Círculo de Berlim (ainda) acreditava no materialismo histórico, naquele sentido utópico oposto ao historicismo.

Sempre quis exercer um pouco o ideal da integração das artes, invocando formalismos das artes visuais, algum ritmo e dramatismo teatral, visando a exposição ou apresentação pública de minha obra.

Nos últimos tempos venho optando por projetos de livros em vez de dedicar-me a poemas soltos,

com um unidade temática e formal. Assim foi a concepção de Brasil, Brasis, composto às vésperas do 5 Centenário da "Descoberta" do Brasil e Canto Brasília, pelo transcurso do centenário de Juscelino Kubitschek de Oliveira, o fundador de Brasília. Mas esses textos têm origens bem mais antigas, que se consubstanciaram graças a retomadas mais objetivas, como no caso de Perversos.

O último trabalho – Retratos –, com poemas dedicados a amigos, pretendeu montar um mosaico de temas atuais ou constantes relativos a autores, lugares, idéias e valores presentes no meu imaginário.

Gosto de intercalar textos de meus autores preferidos diretamente nos meus poemas, além dos recursivos epígrafes, quando não parto diretamente para a perífrase. É difícil desvencilhar o que penso do que cultuo na minha poesia. Como sigo a noção do pensamento moderno de Edgar Morin, no concernente à idéia da pós-modernidade, não vejo problemas no ecletismo, na heterogeneidade e na hibridez dos meus textos.

Escrevi tanto em Português quanto em Espanhol (língua em que publiquei meus primeiros títulos literários) mas hoje faço-o unicamente na língua vernácula. Evitei publicar, no presente volume, traduções ao nosso idioma, de poemas escritos durante o meu auto-exílio pela América Latina, – tais como Tu país está feliz e De crenças e vivências.

Ficaram de fora desta edição outros textos escritos na Venezuela e na Colômbia, particularmente a obra poético-musical Calzoncillos com nubes o si prefieren SOS Colombia, texto encenado no Teatro Popular de Bogotá (1973) e também o Jesucristo

astronauta, autosacramental sobre lo profano y lo divino (Caracas, 1973).

Muitos dos poemas aqui reunidos estavam perdidos ou esquecidos em edições limitadas e em antologias, quase sempre fora do mercado editorial, publicados nos últimos 50 anos. O leitor mais atento vai perceber que existem períodos menos produtivos – parte da década de 1970, quase toda a década de 80, parte da década de 90 do século XX. Em verdade, as edições de livros é que ficaram concentradas em determinados períodos de minha vida. É certo que também houve anos em que escrevi pouco – andava muito dedicado aos artigos e projetos profissionalistas, nas áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação. No entanto, fazia muitas anotações numa espécie de memorial de vida (pois não chegam a constituir um diário), que logo serviram de base para os períodos de maior produtividade.

Uma coletânea de poemas – que resumem toda a vida de um autor – não só revela altos e baixos como, indefectivelmente, exhibe diferenças formais e estilísticas. Não obstante, acredito que exista alguma unidade, tanto formal quanto temática, ao longo de todo o texto reunido. E algum mérito que justifique a sua reedição.

Retratos

BORGES

Para Elga Pérez Laborde

I

No labirinto dos espelhos
por caminhos multiplicados
ao infinito; lá no fundo
ou no começo.

Onde o tempo e o espaço
se confundem, porque
coexistem memórias
do olvido.

Em território ampliado
extensivo, além dos planos
e altiplanos sucessivos,
transformados.

Paisagens mutantes, antes
miragens, talvez passagens
ou descaminhos entre tudo
e o nada absoluto.

Lá está aquela máscara disforme
que encobre uma outra face
que oculta outras tantas mais:
metamorfoses.

Desvendamentos, desvelamentos.
Excertos, estratos, desconcertos.
Um ser que não mais existe,
nunca mais.

Ou que existe em transição.
Um ser de superfícies, camadas
numa couraça de resistências
impossíveis.

I I

Um ser em que não me reconheço
que em sendo deixa de existir
que não tem começo e nem
princípio(s).

Um ser em precipício, levitando
sobre os espaços e os tempos
de um esclarecimento - o sentimento
do universo.

Num território de realidades
que seriam transfigurações
encontro Borges, onírico, flutuando
entre as palavras.

Ou pelos sentidos, pressentimentos
pairando sobre mitos e ruínas

latentes, no sentido dos sonhos
consentidos.

Referências, transparências,
transcendências. Sonhos sonhados
ou ruminados, ou imaginados,
essências.

Borges confessa: a realidade
não interessa; sua visão
perpassa as tessituras
do fabulário.

Na cegueira iluminada
- origem e devenir das formas -
ele me vê bem além de mim,
ele se vê.

Eu não consigo vê-lo, apenas
me aproximo de sua substância
de símbolos e de significados
- se isso é possível.

Ele dialoga com os mortos
e enxerga além das evidências
e, negando a própria existência,
nos descobre.

Pois é de descobertas e dessassombros
que construímos nossos espelhos
no labirinto infinito e imperfeito
das revelações.

Como Dante e seu Poeta preferido
indo aos epicentros da condição

humana, às suas projeções
e representações.

Com Borges, o mago, o vidente
um pré-socrático, um demiurgo
um transgressor por via dos questiona-
mentos.

ÍTALO CALVINO

Para Elmira Simeão

I
Um cavaleiro sem rosto
vaga por cenários e tempos
fracionários;
uma cidade invisível
emerge das brumas
do impossível:
libertos da arcana
maldição do indizível.

São exércitos errantes, bibliotecas
ilegíveis, são cidadelas
herméticas, espectrais,
são animais, são muralhas
indepassáveis, em idades
indefinidas, códigos
indecifráveis mas, ainda
assim, inteligíveis.

II

Calvino faz exercícios de memória
em lugares que já não são lugares
- são denominações registros ecos.
Desvenda sentidos, vislumbra,
presume, em estado de catálogo
- devaneios, provendo combinações
múltiplas absurdas fantasmais -
fluindo como fantasias verbais.

Palavras tais como esgrouviado
na superfície do papel fluído
passível de toda inscrição.
Nomeando o mundo, inventando
palavras e mundos, escrevinhando
compulsivamente, desinteressado
dos comos e porquês: palavras
para inscrever todas as coisas.

Palavras no mundo, horizontais,
dando forma ao próprio mundo
para que assim o mundo exista.
E confessa: difícil é contar
na primeira pessoa, confessar-se
sem deturpar os significados,
sem falsear, tergiversar,
viver os próprios sonhos e ilusões.

III

Uma felicidade inquieta,
uma alegria externa
aos próprios sentimentos,
querendo sempre estar
em outro lugar e momento,

pelas vertigens do pensamento,
indiferente à natureza porque
confessadamente cidadão.

Oh! Calvino, expectador viciado
dos cinemas da adolescência,
das marchas e bravatas fascistas,
revoltado, como Fellini, indagando
e maldizendo e blasfemando
contra as instituições totalitárias,
desconfiando de todas as certezas
abjudicando toda burocracia.

Filme da infância imaginária
visto a partir do meio,
seguido da metade do segundo,
completado pela fração do terceiro,
cenas de várias seqüências,
diferentes cenários incompletos
num quebra-cabeça ou colagem
ou caleidoscópio fantástico!

Filmes que evocam filmes,
personagens migrando de enredo
para enredo, cenas alternadas,
entrecortadas de memórias
de outros filmes já esquecidos
numa mitologia antropofágica
e voraz, numa galeria de personagens
desprovidos de sentidos.

AS DIVAS

Para Raimundo Tadeu Corrêa

No cinema brasileiro de minha juventude
as mulheres eram emblemáticas, prototípicas!
Emblemáticas? Prototípicas?!

Eliane Lage era asséptica, higiênica
maravilhosamente burguesa e fleumática
enquanto Eliana, saia godê
parecia vir de um seriado de TV!

Vanja Orico, nativa refinada
onça amazônica, encarnava o sertão
numa representação telúrica/regional
como um ícone, um mito
i.e., emblemática e prototípica!

Norma Benguel sempre personificava
nossos instintos, nossos desvios
excessos, as vontades mais recônditas
- por que não confessar? - nossos pecados
pois havia ainda pecado abaixo do Equador.

Havia Tônia Carrero, tão linda, tão perfeita!
Podia passar por uma atriz de Hollywood
não fosse a língua de seus filmes!
Tão superior, tão loura! Tão emblemática
de nossas projeções/superações raciais
meridionais.

Mas eu gostava mesmo
mais intensamente
devo confessar: apaixonadamente

era da Odette Lara
- uma Anita Ekberg nos trópicos -
mesmo vestida
ela estava sempre nua!

A nudez de Norma Benguel
era pontual, momentânea
ou seja, prototípica...

A nudez de Odette Lara era integral
permanente, dos pés à cabeça
estava no mar libidinoso
de seus olhos! Na sensualidade
de seus ombros mesmo quando
vestidos!

E não havia mais ninguém!

Em preto-e-branco
elas luziam todas as cores
de um arco-íris secreto.

POESIA NO PORTA-RETRATOS

Para Anderson Braga Horta

I
Sempre
quase sempre
(nem sempre...)
eu me vejo ridículo
escrevendo poemas.

Mais ridículo ainda

lendo-os, relendo-os
infinitamente.

A poesia tornou-se um exercício
maneirista, narcisista, preciosista
masoquista e, para quebrar a rima
um precipício
um verdadeiro estropício
um hospício a céu aberto.

Uma espécie de auto-flagelação
ou de endeusamento
sem qualquer encantamento
ou absolvição: a negação da negação.

II

Ferreira Gullar, por exemplo
colocou o poema no liquidificador
na sua Luta Corporal.

Tristan Tzara, o dadaísta
usou a tesoura porque não havia
a máquina picotadora
e saiu fazendo colagem de letras
em arquiteturas indecifráveis.

Mallarmé lançou seus dados ao azar
E. E. Cummings construiu edifícios verbais
e Sousândrade violentou a gramática
enquanto Bilac cinzelava versos
e J. G. de Araújo Jorge acaramelava
os amores imaginários.
Antes, Bécquer elevava-os em seu andores.

Mais perto de nós, Nikolas von Behr
ventríloquo pelo umbigo
faz discurso libertário
rebeldia em verso livre, e de livro.

Tem ainda a iconoclastia de Leminsky
a hipocondria de Manuel Bandeira
e a ecclesia dos irmãos Campos
com o concretista Pignatari
na tradição do novo
na renovação.

Tradição do novo é conceito sartreano.
Bem podia ser pernambucano!

III

Eu me reconheço
mediocre
e apelo para as musas defuntas
ou aposentadas.

A poesia é um caminho viciado
ou é inovação e criação
(nunca inspiração)
e o poeta queima as próprias roupas
incinera as vãs convicções, crenças
deserta do mundo e suas ideologias
e destrói a própria torre de marfim
seu último refúgio.

E não sabe o que fazer
com a própria liberdade.

O MEARIM

Para Luís Augusto Cassas

Eu nasci no Mearim
um rio barrento e lento
lá no fundo da memória
carcomida, como a mim
corroeu o mesmo tempo
e o desalento; também
o rio corrompeu, assoreou.

Um rio perdido ou esquecido
o rio e eu, frente a frente
como um eu diante de outro
eu, desconhecendo-se
outros eus que ficaram
ao longo do caminho
todos irreconhecíveis!

Paisagens deformadas
agora imperceptíveis

não fosse por sua imanência
ou permanência, indefectíveis
lembranças redivivas
imagens esclerosadas
de natimortos renitentes.

O rio torto e incerto
de minha infância esquecida
com aquelas palmeiras
decapitadas; eu, ribeirinho
assustado, imaginando
caminhos nas águas
moventes e errantes.

Lá adiante, quem sabe
o mar, o continente
lá no futuro, o passado
presente e instigante
de um desterro e
destino de emigrante
portanto inveterado.

Que migra e singra
mares nunca dantes
navegados, levando
o próprio rio e seu
desmoronamento e
permanecendo ancorado
mesmo em movimento.

Ou é o porto que vai
enquanto o rio petrifica
na lembrança estagnada.
O Mearim das lavadeiras
já falecidas, meninos
que já se foram
ou mesmo se afogaram.

Porque o rio segue
seu curso indiferente
numa geografia absurda
de ausentes desterrados
de águas turvas, tépidas
desmemoriadas
de seus sobreviventes.

O INFERNO

1.O Paraíso não existe mas o Inferno sim:
o Céu apenas por intervalos,
momentos, intermitente.
O Inferno é permanente, denso,
saturado, onipresente.

Deus, furioso, repartiu o Bem
em migalhas mas o desgosto
é copioso.

Campo da não dialética,
vácuo de toda ideologia.

O Inferno de Dante tem sete círculos
talvez esféricos, metafóricos
- não! É concreto, verdadeiro,
em sua medievalidade iconográfica.

E tem uma Ética aristotélica.

Se o Céu existe é para o privilégio
dos aborrecidos, não-viventes,
soberbos da fé, adutores
enquanto os demais que
bestemian quivi la virtù divina
(dantesca) ardem no fogo eterno
e terreno.

L'angoscia della genti
desterrada, condenada, aviltada
desde o pecado original.

No Poema, corporificado um mundo
exemplar, presentificado, pontificado;
o Bem se revela pelo Mal infindo,
na fogueira sempiterna: temor e horror.

2. A Jerusalém celeste pode estar embaixo,
na orla marítima e nas ilhas do Pacífico;
o Inferno sobe o morro, encabrita-se.
O mundo dos mortos domina,
controla, assusta o mundo.

O Inferno existe, o Céu é rarefeito:
é e não é. É ideal, utópico, inacessível,
instável: do Inferno não há regresso,
no Céu o ingresso é probatório
- ou é o Purgatório.

E o futuro, o que é?
O ainda não, o talvez não
ou - espécie de oratório, ou oráculo -
a resposta: o nunca, ou jamais.

O Paraíso é um não-lugar,
pretendendo ser virtuoso nem é virtual;
em seu lugar, o Mal é incestuoso,
só o Inferno é real.

MAZZAROPI

Precisamos resgatar a figura do Jeca Tatu
do matuto, do nosso esquecido Mazzaropi
- um caipira com nome de pizzaiolo!

Não importa, ele era telúrico!
com suas botas, fumo-de-rolô, chapéu surrado
camisas quadriculadas, cusparadas e
babaquices
[babaquice não é uma palavra poética
adverte-me o editor Victor Alegria]
caminhando aos tranbolhões, apalermado.

Seu casebre era de pau-a-pique
o cão preguiçoso a imitar o dono
o panelão no fogo e o cigarro-de-palha
queimando-lhe os lábios no cochilo
ou no ronco escancarado.

Grosseiro? Vulgar? Caricato?

Ríamos de nosso próprio desengonço
de nossa rudeza, ingenuidades
ao som de violas e pilhérias
em torno de fogueiras, sob bandeirinhas
de São João, no terreiro
na roça! no cinema, envergonhados.

Os filmes horríveis, por isso maravilhosos!
Cantava como um bezerro desmamado
atuava imitando a si mesmo
e, por isso mesmo, genial.

Os filmes eram sempre os mesmos
os enredos sempre iguais, banais
as mesmas vacas, os mesmos pastos
da fazenda que devia ser a dele
as mesmas galinhas

o velho caminhão de feira
e aquele andar pisando ovos
ou bosta de gado.

Era o nosso Cantinflas, o nosso Chaplin
ou, se menos, nosso palhaço-de-circo
nosso ventríloquo, nosso bobo da corte
que nos levava ao riso e às lágrimas.

Agora os nossos interioranos são country
em vez de viola ouvem guitarras elétricas
em vez de calças frouxas e encolhidas
usam jeans e cintos reluzentes.

Mas, lá adiante, no pé-de-serra
ainda existe um Mazzaropi tirando
bicho-de-pé com facão de cortar cana
e alguma lamparina, uma moenda
caninha de alambique
uma capelinha rural enfeitada de fita
e folhas de palmeiras
e um galo marcando a tradição.

AUTO-RETRATO

Para Sofia Vivo

Às vezes sou um, às vezes sou outro:
todo mundo é assim, ou é assado.

Eu, sem fugir à regra, transgredi.

Fui, ao mesmo tempo, eu e o outro
- um para dentro, outro para os outros

mas, confesso, sou igual a todos
num disfarce que é a outra face
de uma falsa dicotomia.

Maniqueísmos? Planger ou prazer?

Nem religioso eu sou, nem romântico,
muito menos ideólogo ou assumido
de qualquer coisa, na minha infidelidade,
falta de fé. E, no entanto, obstinado
quase otimista porque realista
-na reversão da contradição.

Sou um pouco o Orlando da Virginia Woolf
o Patinho Feio disfarçado de Dorian Gray
fui herói de histórias em quadrinhos
namorei estrelas de Hollywood ou,
mais terrestre, da Vera Cruz e da Atlântida
ganhei o Prêmio Nobel, a Comenda Maior
da Confraria dos Poetas Ególatras e Suicidas.

Li uma montanha inexpugnável de livros
tentei reescrevê-los, sem qualquer humildade
subi, letra a letra, degraus estonteantes
delirantes, construindo arquiteturas etéreas
no círculo vicioso das virtualidades banais.

Deveria rasgar todas as frases deletérias
todas as imprecações, todas as contrafações
verbais e venais que produzi - lixo execrável.

Deveria envergonhar-me de minha falsa polidez
de minha insensatez, minhas impropriedades
mas sempre tenho a firmeza dos inseguros

enquanto os crédulos, os convictos
não resistem às próprias contradições.

Transgredi mas, juro, apenas verbalmente.
No mais, sou casto na minha perversidade.
Sou beato na minha mais íntima heresia.
E mais desprezioso do que a minha soberba.

Quero dizer: no fundo sou inseguro e fiel
a princípios de que nem participo.

Deu para entender? Nem Deus presente
aquela dor que finjo que deveras sinto
ao plagiar aquele poeta que nem mesmo venero.

Vou na contra-mão da ordem estabelecida
mas, disfarçando, eu vou é de costas
e não estou sozinho, participando assim
de uma nova modalidade olímpica ou
acadêmica.

Os que são de Bacabal que me sigam
os que usam botas de ferro, brinco de osso
que rezam constrangidos, os desamados
os sem-biblioteca, os sem sentido.

HEIDEGGER E AS MÃOS DE NILDO

I
Mãos enormes, leves, fortes, delicadas,
como asas, ásperas pelos exercícios
na academia.

Mãos tímidas, calmas, limpas, falazes
mas discretas, repousadas sobre a mesa,
em dádiva.

Dedos grandes, lisos, grossos, perfeitos
no ofício da afeição, no gesto contido
mas perseverante.

Dedos diuturnos, sossegados, pressionando
teclas solícitas de um computador,
horas a fio.

Mãos pacientes quando não agitadas
nas práticas esportivas, ou meditando
parcimoniosamente.

Um ensaio, traços de Leonardo da Vinci
em esquema sugestivo, detalhe,
uma reverência.

Mãos castas, dedos exultantes, sutis
em seus devaneios, ânsias, manifestações,
acenos juvenis.

Mãos pacatas, generosas, afagantes,
limpas, bem cuidadas, quietas mesmo
quando despertas.

Branças, sossegadas, assim cruzadas
sobre o corpo dormido, imobilizando
dedos inquietos.

Acenando, apertando outras mãos,
ou em repouso de tarefas pacientes,

despedindo-se.

Mãos benfazejas, reverentes, recatadas,
em gestos amenos de aproximação
e solidariedade.

Mãos silentes quando assim prostradas
sobre o umbral da tarde declinante;
aquiescentes.

II

Heidegger: 'Mas o ofício da mão é mais rico
do que geralmente se imagina(...)'. Ela
estende-se.

A mão distende, direciona, descontrola-se
na extensão da idéia ou sua ausência
inconsciente.

'Recebe sua própria saudação pela mão
dos outros', interrelação de sentidos, ou
introspectiva.

'Duas mãos se enlaçam em uma'. Projetam-se,
reconstituem-se, redimem-se, dão, negam-se
e recuperam.

Sua linguagem é fundante, minuciosa,
valha a hipérbole: portanto direcionada
de sentidos.

'Cada movimento das mãos' (...) 'carrega
a si mesmo através do fundamento de
pensar.'

Mão que é o símbolo de outras mãos,
representando-as e no representa-las,
justificando-as.

'Todo trabalho da mão é fundamentado
pelo pensar': a mão fala e pensa por
nós outros.

Ainda Heidegger: 'pensar é o mais simples,
e por tal motivo o mais árduo de todos os
trabalhos da mão.'

Metafísicas, ônticas, oníricas, e concretas
as mãos confabulam, sentenciam, decidem
independentes.

A mão que antecede o pensamento
que inventa a linguagem, indicando
e nomeando.

Que é da mão o ato constituinte,
consumante, o sinal que antecede
a palavra.

É forma e conteúdo, também é causa e efeito,
mágica e realidade na sua materialidade,
e poesia.

BASTIDORES

I

Nos bastidores, talvez frisson ou frenesi,
também rancores, queixas, dissabores,
estar fora de si, com ciúmes, tititi,
atores estressados, queixumes, calados
diante do espelho, tolos, fazendo caretas.

São marionetes, proxenetas, chacretes,
sonhos, ilusões, assim medonhos
na frustração ou mesmo nas vitórias,
sob aplausos, apupos, na ovação
consagradora depois da melhor atuação.

II

Mundo de ilusão e realidades fantasiadas,
também frivolidades, no fundo, sensação
de impotência, ou desânimo, condescendência
com as incapacidades, limites, possibilidades.

Chacrinha, Sílvio Santos, Faustão ou Hebe
ou Xuxa, ou antes, o César de Alencar
no rádio ou na TV, no circo, no teatro,
em qualquer lugar, e para qualquer um.

Pernetas, piruetas, roleta-russa, vedetes.
Engulidores de facas, de pregos, de sapos,
de fogo. Em jejum, com fome, ânsias
e dores, contorsões, flexões, esparadrapos.

Roda, roda, roda, roda-viva, rodamundo,
Chacrinha girando a roleta, buzinando,
comandando a platéia ou a geléia geral.

Agora é a galera, é fera, é pura curtição,
é corpo-a-corpo, fruição, corpos desnudos
na banheira, na cama, em exposição.

III

Sílvio Santos comanda o Show do Milhão.
Xuxa convoca os baixinhos assanhados.
Há também ratos, leões, percevejos e
baratas comandando grandes auditórios.

Mulheres traídas, maridos ultrajados, todos
ao vivo, descortinando suas desventuras,
desgraças, a soldo, treinados, adestrados
para o grande circo dos horrores.

MEMORIAL DO RIO DE JANEIRO

Para José Jeronymo Rivera

I

Conheço apenas a imagem em movimento:
na idéia, no sonho, na memória, na poesia.
Imagem da imagem, que esta é estranha
enquanto aquela é-nos, - sim! - reconhecível.

O Rio de Janeiro é uma imagem congelada
como um daguerreótipo, um documentário
revisitado, um baú profanado, álbum
de família, quadro na parede, saudade.

Assisti ao desmonte do Morro de Santo Antonio,
ao aterro do Flamengo, muito carnaval de rua,
lança-perfumes, Cacilda Becker no teatro
e a Barra da Tijuca coberta por dunas.

Eu, em muitos momentos, crescendo e andando de bonde, vagando pelas ruelas e galerias noturnas de Copacabana. Nem havia ainda a Ponte Rio-Niterói.

II

Existia a revista O Cruzeiro nas bancas com a a nova miss Brasil bem na capa, havia o (novo) colosso do Maracanã e tudo ali era o maior-do-mundo.

Havia bossa-nova, poesia concreta, as favelas eram pintadas de amarelo, as lambretas circulavam pela orla em que corpos dourados ousavam maiôs.

Havia Luz Del Fuego, que era intelectual; Virginia Lane - uma euforia desnuda e a Elvira Pagã (dizem que era pacata!) na Praça Tiradentes: rainhas do teatro rebolado.

III

Conheço apenas a imagem cristalizada na memória da memória da retina - sombras, vestígios, lembranças frágeis como papel de parede desbotado.

Brigitte Bardot andava nas areias de Búzios, Ava Gardner quebrava o quarto do Glória (ou teria sido do Hotel Copacabana Palace?). O Ibrahim Sued era o colunista social.

Jean Paul Belmondo seria o feio mais bonito

enquanto o Alain Delon era bonito mesmo.
Havia Nouvelle Vague, Cinema Novo e mais
ideologias que cerveja nos bares de Ipanema.

E as vozes de Dolores Duran, de Máisa?
Os textos sarcásticos do Stanislaw Ponte Preta?
Os gols geniais do Garrincha, do Pelé?
O angu da madrugada no Largo da Lapa?

IV

O amendoim torrado, a mariola,
a barca da Cantareira, os trens da Central,
as putas da Praça 11, a falta d'água
e os intelectuais pregando a Revolução.

As fotografias eram em preto-e-branco,
também o cinema, a TV, os jornais
mas parece que havia muito mais cores
naqueles tempos - e valha o lugar-comum!

E havia mesmo, nos meus dezoito anos,
nos meus vinte e poucos anos, vagando
pela Cinelândia, lendo todos aqueles livros,
amando, dançando, questionando e sonhando.

V

Imagens datadas, deturpadas pelo tempo.
Revedo-as, revisando, já são outras.
Mas estão em mim, gravadas, pungentes,
sobreviventes, latentes, instigantes.

Personagens num museu de cera pessoal
mesmo quando públicas, consagradas.
Fantasmas, povoando espaços idealizados,
em dimensões alheias, transfiguradas,

mitificadas. Lugares transformados, fatos consumados, entes virtualizados, ou melhor ainda: desmaterializados, levitando no espaço-tempo das rumações tristes,

inconseqüentes. De uma perspectiva recorrente, de um distanciamento assim dilacerante, de uma distância de nuvens e rochedos, afirma-se: pedras e plumas se equivalem.

EDSON NERY DA FONSECA

Na cadeira de balanço, com um gato no colo, mais bem seria um livro, um terço, uma fruta, uma caixa. Está lendo Bandeira, talvez Oscar Wilde,

relendo Gilberto Freyre - ou seria Mallarmé? enquanto acaricia o felino predileto. Sonha e ruma seu amor secreto. Aristocrático, sim, e por que não?

Não importa se de origens lusitanas fidalgas (de antigas capitânias) ou se descendente de imaginários holandeses. Se não por sangue, por afinidades,

(de ingleses, por certo) pernambucanidades, herdades cultivadas e consubstanciadas. Altivo, ativo, polêmico, apaixonado,

na sua Olinda colonial, junto à
 igreja de sua maior devoção,
 mas seu coração é livre, aberto
 - livro aberto - numa fé que é
 a um tempo carnal e transcendente.

TEMPOS DIFÍCEIS

Em memória do Embaixador Sérgio Vieira de
 Mello, vítima de atentado no Iraque, em missão
 da ONU.

*Pode alguém extasiar-se na destruição,
 rejuvenescer-se pela crueldade. Rimbaud*

I

Flor envenenada, ares degenerados, temores
 e prazeres, a alma é insondável e cruel
 enquanto carne, dilacerável,
 é afeita à tortura
 e à vertigem.
 Tão emma
 e frágil.

Um corpo
 que é um cofre,
 uma argamassa maleável,
 uma geografia de montes e abismos,
 aquela massa de manobra e conversão,
 suscetível a todos os malefícios e contestações.

A mente enferma, emparedada, corrompida.
 Mãos que obedecem impulsos entranhados.
 Bocas vociferando discursos dúbios, hostis.

Dor e felicidade nos extremos
de um mesmo sentimento
que nem é ambíguo
mas contíguo, em equilíbrio crítico,
dialético. Ou patético.

II

A guerra é mãe de toda sabedoria,
fundada na estupidez, no heroísmo
mais covarde, no companheirismo
e no extermínio, exacerbação do amor
e no horror mais belo e mais sublime.

Destruir e renovar, num ciclo de vida
e morte conjugado.
Morte e vida enquanto correspondentes
e equivalentes,
alternantes.

Matar e morrer.
Pássaros decepados, corpos explodindo em euforia:
espetáculo comove pelo seu pavor admirável.

Um edifício ruindo como uma cascata
incandescente,
um pescoço ceifado e o sangue jorrando esplêndido,
alegre e terrível,
bombas e lanças-chamas em coreografias
impactantes, levando-nos ao delírio!

Tão mais emocionante o tiro certo,
a machadada sobre o crânio do inimigo,
tecidos queimados, punhais magníficos
como cristais votivos sobre os corpos vencidos.

III

Suicidas fantásticos voando pelos ares,
desintegrando-se como partículas divinas,
numa euforia de convictos, heroísmos
extremados, libertários, superando
falsos humanismos.

Humano seria um estado racional,
mesquinho.

Deus exige exemplos superlativos.

A vida - afirma-se - não é nossa,
é-nos dada,
e morrer é uma passagem
para a felicidade.

Ou que outro nome tenha a Glória.

IV

Mortos e vivos habitam o mesmo espaço,
alternando-se. As flores vicejam,
os mares enfurecidos, os ventos irados.

Teologias e ideologias mancomunadas
em confrarias, verdades impuras,
vaca profana, vontade insana, poderes,
guerras santas, bênçãos,
martírios, cegueira e arrepio.

A paz fundada sobre os escombros,
o escárnio,
sementes da discórdia,
sedição.

Rosa ensangüentada.

TEMPO PARALELO

A Dom Luiz de Góngora

I

Tempo que flui em teu corpo,
tempo especializado, superfície
que dura - ânsia, na espera -
é contido, concentrado até ao seu
desabrochar.

Um tempo assim tão longo,
tão esperado, tão inseguro,
num corpo dormente, prostrado,
sustado, em plena quietude,
repousado.

Neste presente duradouro, extensivo,
deslocado de seu passado, livre,
breve, na placidez, em repouso,
descolado em seu momento próprio,
absoluto.

Como uma fruta, natureza viva,
todo o pretérito colocado no presente,
refletido no infinito do corpo,
o futuro projetado no desejo

inalcançável.

II

Tempo afetivo que encurta o prazer,
que alonga e prolonga o sofrimento,
que é instante e também é instinto,
que é vivência mas não é seqüência
e consequência.

Tempo paralelo em que nos desprendemos
e nos perdemos - como uma cortina -,
sempiterno, desconstruído, mas sereno,
simultâneo, numa rotina ambígua,
uniforme.

Que vive intensamente - experiência
constante, tempo no espaço do tempo -
que acelera, reverbera, pulsa e geme
(fluxo e refluxo, temporal e fluvial),
em combustão.

Em aceleração e regressão, detendo
o tempo, esgarçando-o, prolongando-o
na memória (que não é mais tempo),
que é findo e, no entanto, perpassa
- pássaro!

NEFELIBATA

Para Gustavo Gutierrez

I

Ir no sentido contrário
contra o fuso horário
e chegar antes de ter saído
(ou nascer antes de ser parido).

Do avião, tudo é plano
- asas tão frágeis, plainando -
está-se confinado, no alto, surfando
entre nuvens, suspenso no ar
no limite das sensações e idéias
levitando, o corpo flutuando
nas entrelinhas do pensamento
assustado, trepidando, pressurizado
numa caixa móvel de chocolates
importados, celebrando, lembrando.

II

Nas alturas de Macchu Picchu
com Gustavo Gutiérrez, nós
mochileiros em férias, arfando
nas ladeiras rarefeitas de La Paz
na quietude ativa do lago Titicaca
(espelhando nevados e nuvens
andarilhas), no topo do mundo.

Caçando palavras no firmamento
avivando sentimentos despegados
numa geografia tão vasta mas
que não basta para meu encantamento.

III

Francamente, a estas alturas
que importa a criatura?

A máquina me transporta
mas eu chego antes
numa ânsia de espaço incontido
em tempos simultâneos, instantâneos
numa ubiqüidade própria
dos não-lugares.

A dez mil metros de altitude
tudo se relativiza
- em movimento mas estacionado -
as nuvens é que expandem
seus volumes luminosos.

Poderia estar mais perto de Deus
se o universo não fosse infinito
sem teto, sem fundo, sem nexo.
As nuvens em qualquer direção.

IV

Nuvens fossilizadas, pintadas nas paredes
de um restaurante de beira de estrada
- no Peru, na Bolívia - ou no presépio
feitas de algodão doce e colorido.

Ou nuvens que assumem formas humanas
enquanto eu, por opção ou circunstância
aperto o cinto e vivo nas nuvens.

Não obstante,

em Tiahuanaco, o tempo é sólido.

BOCAGE

Para José Santiago Naud

I

*Mas vendo no meu gênio o mau destino,
Que havia de fazer? Cedi ao fado.*

Fado ou enfado, vontades insaciáveis
vivestes de arrebatamentos, suspiros,
solidões
de mil amores, febris, mais imaginários
que verdadeiros.

Mil amores preteridos, puros rompantes
pesadelos, flagelos, receios, ciúmes
queixumes. Sim, morrer de amores
passageiros...

II

Eu descoro, eu praguejo, eu ardo, eu gemo.

Dizem que fostes fiel ao amor cambiante
que amavas o amor que não te amava
que a tantas amavas, a todas, em sonhos
ou em versos.

Atormentado de incertezas e desenganos
imaginando mortes ou mortificando-se
danos morais, iras, ternuras alternadas
desgraçadas.

III

Quero fartar meu coração de horrores.

Vagastes pelo mundo, fostes a Goa, à Índia
e ao Brasil (no Beco das Violas) distraído
perdido em sentimentos desvairados
desterrados.

Tua única pátria foi a pura fantasia
a devorar-te as entranhas dilaceradas
nas noites de tormentos, amofinamentos
consternados.

IV

Conheço que há vontade e não destino.

E o fado a que conduz? A que portos,
a que fracassos? Na prisão sórdida e fria
buscavas a Liberdade, o livre-arbítrio mas
sem arrependimentos.

Certo: o livre-arbítrio e nunca o
fatalismo
rege a condição humana. Tu, crédulo
tido como herege; tu, fervoroso e piedoso
e apaixonado.

V

De mim próprio me livre, oh Deus supremo

Não havendo Céu e nem Inferno
haveria, então, a Virtude virtuosa
e, por antítese, o Vício viciante

subjugante.

Predestinado à desgraça, ao infortúnio
ao arrebatamento. Pedia para morrer
já que viver não sabia. Preconceituoso.
Impiedoso.

VI

Sofres d'ímpia paixão amor maligno

Devasso, genial? Crente e anticlerical?
Licencioso, marginal? Popular e culterano?
Sublime e obsceno. Crítico e bajulador.
Contraditório...

Ora exaltava, ora renegava a obra
que improvisava, de sua lavra
ou a ele atribuída. Adulterada? Expurgada
e difundida...

VII

Ser odioso, além de desgraçado.

Tua fama de ímpio não te corresponde
nem a de maldito, talvez a de hedonista.
Teus sonetos de amor e desesperança
te redimem.

Ninguém amou tanto, a tantas como tu.
Um só amor, desventurado e transfigurado.
Desprezado, mortificado: receios, desejos
insatisfeitos.

VIII

Escritor pela mão do Fingimento.

Tantas amastes, nomes acaso verdadeiros
outros inventados, mortes e ressurreições.
Lampejos, afagos, seios, agouros, receios
desventuras.

Pesares, azedumes, avatares, perfumes.
Devoto das mil deidades, talvez cínico
também das verdades de momento, males
imaginários.

IX

Adeus, ó mundo! Ò natureza! Ó nada!

Manuel Maria l´Hedoux Barbosa du Bocage
órfão de mãe, soldado e desertor, tradutor
poeta com a fama de libertino, proibido.....
e difamado.

O herético perigoso e dissoluto, acusado
pelo Santo Ofício. No entanto, apenas amou.
Louváveis e deploráveis sentimentos
levaram-no
ao Desvario. .

E vaticinou:

Importuna Razão, não me persigas

AS PALAVRAS

Para Victor Alegria

*As palavras não começaram
abstratas, mas concretas.*

J. L. Borges

As palavras saltitam, pululam,
estão soltas, sem amarras.

Palavras vivas.

Sons, movimentos, sentimentos.

Se não, estão
petrificadas,
feitas de letras
- arquiteturas banais.

As palavras não representam,
elas são,
estão além dos significados
- ou seria, mais, bem,
aquém?

Libertadas dos dicionários
pelos campos
pelas fábricas, pelos lugares
de sua gestação.

Originárias, necessárias.

Elas exercem um poder
tanto porque podemos com elas
apoderar-nos do mundo
(ou conhecer)
quanto elas nos governam
e orientam.

As palavras são a música
das coisas nomináveis;
as formas das coisas:
o próprio som
que elas emitem.

Podemos dar às palavras
o sentido que se queira
aprisiona-las em obras
de fina urdidura.

Mas nem sempre
- e felizmente -
as palavras levam à Razão,
vão ao imaginário
à beleza de sua condição:

as ondas equilibram o movimento
do mar, marmorizado nas palavras.

Podemos transformá-las
em textos decifráveis.

Esgarçá-las, montá-las
sobre uma superfície
limitante, e fria.

Não obstante, as palavras
estarão livres
vivificadas
quando poesia.

[AVENIDA CORRIENTES](#)

Para Rodolfo Alonso

I

Da janela do Hotel Las Naciones
vejo pátios abandonados, janelas tristes
um terreno baldio transformado em estacionamento
uns senhores de paletó e gravata caminhando
apressados
ônibus e táxis amarelos parados na esquina
um gato andando no telhado vizinho
algumas torres antigas, um edifício em construção
uma família abandonada na calçada
letreiro de um teatro de variedades.

Se eu busco, se eu vasculho o fundo da paisagem
o fundo da memória, perco-me entre transeuntes
e reencontro velhos amigos
e as imagens daqueles tempos de juventude.

Antes de dormir, ainda havia livrarias por visitar
recomendações de leituras
um beijo de despedida, novo encontro marcado.

Havia as esculturas de Kosice
o Grupo Madi, o ateliê de Louis Seoane
as gravuras de Castagnino para o Martin Fierro

e eu lia, com avidez, o ciclópeo Bomarzo
de meu amigo Manuel Mujica-Láinez.

Conhecia as fachadas, as portas talhadas
os letreiros, as vitrines, e havia sempre por
descobrir!

II

Da janela do hotel vejo a passeata dos sem-teto
a passeata dos desempregados
a passeata dos aposentados
- uma em cada dia da semana
menos sábados e domingos
que são dias para a família
e para o tango. Para o amor
e para a fantasia.

No centro da Avenida
aquele obelisco onipresente, hierático
emblemático: pode ser uma espada
talvez uma vela, um falo
um ponto de exclamação
uma orientação vertical
ou mesmo horizontal.

Ou seria uma caneta
e com ela escrevo enquanto rememoro
aqueles passos errantes
aquelas alegrias compartilhadas
aquelas discussões políticas intermináveis
sobre a Utopia que acabou em repressão.

Mujica-Láinez depois exilou-se nas serras de Córdoba
e Cecília Vaquero figura, ainda hoje, na lista

dos desaparecidos
do regime militar.

Não havia ainda Hotel Las Naciones
havia um jovem poeta brasileiro
de casaco surrado e a alma transcendida
pelo sonho, andando pela Avenida.

O LABIRINTO

*Então cerravas os olhos. E os cerravas, oh
labirinto! para não ver. Romper/ foi preciso
lógicas e guardados, irrisórias horas desviver,
tantos fogos avivar.*

XAVIER PLACER

I

O vento deslizando pelos meandros arbóreos
farfalhante, estilhaços de luz, contornando esquinas
vegetais, na obliquidade da tarde em que vagueio
ensimesmado e triste, emparedado: torpor e
vacuidade.

Deve haver uma saída, em algum lugar distante.

Entre paredes maciças, por caminhos infindos.
Arfando, sôfrego, indeciso, lerdo, deambulando.
O céu a intervalos, o tempo em frangalhos.
As alamedas estreitas, abafadas, úmidas, sombrias.

As analogias impraticáveis, os diálogos estancados.
Uma alteridade de estranhamentos indevassáveis.

Hermetismo. Pensamentos insondáveis. Abandono.
É difícil avançar pelas aléias despistadoras.

Signos truncados, *cul de sac*, sinais trocados.

II

Um labirinto infinito que termina quando
recomeça
Que é o princípio de seu próprio fim: eterno!
Um desvão secreto, um epicentro inalcançável
Enquanto, perdido, ouço a própria voz distante.

Aonde me levam estas trilhas tortuosas?

A que desertos, desterrados, a que ares represados?
Tantos rostos irreconhecíveis, corpos ausentes!
Quantos atropelos, quantas negações insidiosas!
E eu a errar por espaços contidos, viciados.

Qual a direção deste vento aprisionado?

Os muros bifurcam-se, fecham-se, multiplicam-se
em outros muros mais adiante: são os mesmos
no círculo vicioso de uma vida programada
que devora e recicla, ad infinitum, sua mesmice.

MEU NOME

I

Antonio, menino, vamos conversar:
por que foges do castigo, se ele vai te alcançar?

Prá que tanta rebeldia, socando ponta de faca?

Aonde te levam estas pernas de caminhar
tantas fugas, recusas, tanto ensimesmar?

Antonio, menino, por que blasfemas?

Que te leva ao prazer do sofrimento
ao pensamento avesso ou travesso
a contradizer o sim e a reiterar sempre o não?

De onde vêm estas idéias de suicídio
enquanto amas saturado e satisfeito?

II

Tantas páginas escreves! Tantas leituras
apressadas, tanta angústia de ser
tantas perguntas impossíveis, desejos
sonhos absurdos, planos inseqüentes!

Que amigos são esses que não voltarás a
encontrar?

Que lugares tu buscas que deixarão de existir?
Que amores te queimam que se vão dissipar?
Que idéias te movem que logo vais superar?

Acaso essa birra vale o que a motiva?

III

Frente a frente, somos dois desconhecidos
que se negam, contradizem, se acusam.

Espelho maldito a revelar o nosso
estranhamento.

Não me acuses do que não fostes capaz!
Nada sou daquilo que pretendias ser!

Nunca fui amado tanto quanto querias!
Nem amei tanto quanto querias que eu amasse...

IV

Antonio, por favor, reconheça o teu fracasso
e deixa espaço para eu existir
sem ter que justificar-me diante de ti!

Deixa eu ser feliz no meu conformismo
- de achar que tenho o que mereço
enquanto tu deliras e deliras!

Por que estragas o meu sossego tão frágil
azedas a minha felicidade tão precária?

A partir de hoje o meu nome é Outro.

CRIANÇAS

I

Minha infância, eu não a quero

mais. Tenham-na vocês
que cultivam suas crianças
como hortaliças
hidropônicas.

Eu continuo criança
mais criança do que antes.
Antes que eu volte à infância
senil
da curva do infinito
antes do último grito
ou estertor.

Minha infância, admito
foi um horror.
Eu queria ser velho
odiava os meninos
de minha idade:
eram chatos, estúpidos
egoístas e cruéis.

Uma inocência
sonsa,
de aparência.

No fundo
lá dentro, a criança
mata os pais
e esquarteja
os irmãos
mais novos.

São órfãos
assumidos

chantagistas contumazes.

Goya pintava crianças-
monstros!
Crianças sádicas
torturando animais
na ausência dos pais.

Crianças são lindas
na fotografia.

Algumas, nem assim.

POÉTICA

Para Trina Quiñones

Um menino me disse
- mas estava enganado -
gostar de poesia porque
ele lia tudo rapidinho.

Ledo engano: quanto menor
o poema, mais denso
requer pausas, releituras
cruzar os pensamentos.

Ler no espaço das palavras
além das formas/idéias
não ler as palavras
mas sua tessitura interna.

A poesia é mais de quem lê
do que de quem escreve
- o poema circunscreve
um universo qualquer.

Todo poema é hermético
requer um certo desvendar
porque o poeta-ventríloquo
fala pela boca de outrem.

Palavras-coisas, lapidais.
Palavras-pessoas, além
de si mesmas - outras-
- palavras homologais

mesmo as circunstanciais
cifradas no eu-mesmo
da poesia do circunlóquio
que se liberta e ganha
espaço.

ZILA MAMEDE

Minha querida Zila,
que saudades de ti!

Pequenina, inquieta
por isso mesmo poeta.

E mais: bibliotecária,
operária do saber.

Tão frágil, tão forte!
Como sinto a tua sorte!

Eu era teu convidado
nas rodadas de Natal

comíamos carne-de-sol
e de sobremesa, poesia.

Um dia... fatídico dia
que ninguém merecia

menos tu, tão necessária
a quem tanto queríamos

foste ao mar inteira
para não regressar.

Na areia, aflitos
nem ouvíamos teus gritos

desapareceste no horizonte
na curva azul do mar

deixaste tua herança
recarregada de afeições

teu multiverso, teu
nomadismo, espanto

a força de teu canto

a essência-derradeira

de teu útero-concha
de mar indomável.

TRIBUTO A KAVAFIS

Para Danilo Lôbo

*quando os lábios e a pele recordam,
quando as mãos sentem que ainda te tocam.*

Konstantinos KAVAFIS (1863-1933)

Por que, em sendo eu tão feliz
me declaro insatisfeito, vazio
incompleto, infeliz?
Tantos amores vivi
tão completamente!
A exaurir, a combustar.

Pensei tê-los perdido para sempre
mas eles sobrevivem em mim
permanecem em algum lugar
de meu legado encantamento.

Visitei corpos clandestinos
que amava no momento
mas a juventudeurgia
exasperada e insegura.

como possuído ainda/

*do prazer ilegal
do proibido amor/
que acaba de ser seu.*

Que intensidade fugaz!
Que rasos compromissos!
Queria-os, cultivava-os
enquanto se esvaíam

e ressurgiam com renovado
assombro, ímpeto, membros
de uma volúvel confraria
de divindades helênicas.

*E bebi o vinho forte, como
só os audazes bebem o prazer.*

Corpos passageiros, verdadeiros
jungindo-se numa plenitude
inalcançável e imperfeita
feita de sensações sempiternas.

Maduro, bebo sempre desse
vinho que me rejuvenesce.

Reencontro em ti,
tão jovem e riço e forte
como se renascesse
em tua óssea formatura
e me libertaras de mim.

*Oh deuses! que não
(n)os vejam esses enlutados,
esses moralistas -
o eco desses estéreis amores/*

que eles repudiam.

O novo e o velho
se recompõem em mim
oportuna metamorfose
para reviver aquele amor.

Entrego-me a esse amor
com a certeza da fatuidade
mas ele é real e intenso
e quem sabe incoseqüente.

*pois algo sabes de remédios;
tentativas de envolver a dor/
A ti recorro oh Arte da Poesia,
na Imaginação e na Palavra.*

Perdido para sempre
num sentimento impossível
com a sensação absurda
de uma carne quase intacta:

*recorda de repente estranhamente
a um efebo que - com certa rudeza-
ao amor por vez primeira
renda seu corpo intocado.*

SEM TUDO, SEM NADA

I
Nas calçadas, nos desvãos da noite,

debaixo de pontes, lá estão eles
como hienas, em andrajos, pestilentos,
na sua cantilena de desgraçados.

Que eles não invadam os nossos jardins,
não devorem as nossas roseiras!
nem depredem o canteiro de azaleas
nem urinem sobre os girassóis em brasa.

Nos fundos lá da rodoviária
são despejados a intervalos regulares
e ali se multiplicam como moscas
pondo ovos que logo chocam ali mesmo.

Não têm dentes mas como trituram
toda a grama, todo e qualquer arbusto
ao seu alcance, como um formigueiro
ou uma terrível horda de gafanhotos.

Retirantes, excluídos, sem-terra
sem-teto, sem renda, analfabetos
dejetos, escravos, servos, deserdados
arregimentados viram votos oportunos.

II

Aquelas chagas não são implantes
mais bem (ou mal) são cancros cancerosos
não são transplantes ou cirurgias plásticas
são brotações ulcerosas circunstantes.

São seqüelas de mazelas hereditárias
de capitânicas e oligarquias perpétuas
que permanecem na pele e no cerne
e se multiplicam por gerações infinitas.

Rebrotam como cogumelos renitentes
são como cactos na seca sempiterna
gravatás sobreviventes do incêndio
natural que devasta e revive anualmente.

Perpetuam formas de domínio seculares
entranhadas nas memórias ancestrais
implantadas como castas naturais
mais que atávicas elas são telúricas.

(Uma casta que se reproduz cativa
nas entranhas da terra cáustica
que resseca e rebrota e reverbera
ao sol que multiplica e degenera).

Apenas nascem e já se reproduzem
sem as faculdades completas, pouco
ou quase nada, desnutridos, mas ágeis
reforçando apenas os membros indispensáveis.

Os braços de capinar e ceifar a cana
os pés rachados de caminhar e correr
o sexo para reproduzir e multiplicar
e garantir a perpetuação da serventia.

Sem luz, sem tudo, sem nada
(virando números em cadastros oficiais),
como dizem agora, sem cidadania
mas eu completaria: sem-humanidade.

SIMIL

Corpos empilhados em gavetas
ou compactados no trem;
recluídos em cárceres lúgubres;
dançando ao unísono
exalam hálitos comuns.

Nada daquela individualidade
que só existe na mente estereotipada
do filósofo,
nada daquela originalidade
que só existe na idealidade
do artista.

A caspa é da mesma matéria
de sua ossatura-padrão
- similitudes -
e o discurso apenas reitera
chavões e palavras-de-ordem.

Nas declarações de um
está a identidade
do outro.

Nada escapa à uniformidade
do pensamento de classe
e de sua condição.

Variações são previsíveis
reconhecíveis pela exatidão
de sua regularidade.

De excepcional

só a visão alucinada
do poeta
que só vê o diferente.

Mas ele é idêntico
ao protótipo da matriz simiesca
de que se julga divergente.

Em sentido contrário
se todos os outros
que são símeis,
se julgam diferentes,
também ele é a réplica
perfeita.

MALTHUS

Para Affonso Romano de Sant'Anna

Tantagentetantaemtodaparte
gentegentegentegentegente
e tão somente

a terra soterrada de corpos
anticorpos corpos entulhados
empilhados em containers

um cemitério congestionado
de corpos centrifugados
transformados em repolhos

rebrotando como ervas daninhas
como seivas leitosas pestilentes
como sementes plúmbeas errantes

corpos defumados frios
congelados em câmaras
em esquifes, armários

dependurados em cabides
enforcados, pelos açougues
estendidos no varal ao sol

depositados em cofres
de usurários enganados
sem qualquer valor de troca

triturados para o gado ermo
ou transformados em patê
antropofágico e macabro

terra de corpos decompostos
e revolvidos com estrume
de suas próprias entranhas

todas as gerações superpostas
em monturos, na degradação
de uma compostagem infinita.

A JANELA

Para Fernando Mendes Viana

I
Dentro e fora da casa, contrapostos
os mundos se dividem
como faces opostas
de **uma só realidade.**

Como podemos **ser diferentes**
de um lado e de outro
da janela? Partindo de fora
para **dentro de nós mesmos!**

Desde que estamos inteiramente
nus até **quando** devidamente
vestidos, **vamos** vertendo
nossas tantas identidades.

Bem **vestidos**, fantasiados
uniformizados/personalizados
é que nos reconhecemos
e nunca a sós, **despidos.**

II - A Digressão

A janela como divisória
de dois mundos opostos
- dentro e fora -
ou, como prefere DaMatta:
a Casa e a Rua.

Lá fora é o mundo
da competição desvairada
e da eterna enganação;
em casa somos reis absolutos
no mundo da comunhão.

Fora, devemos ser tolerantes
em casa mais exigentes.

Mas a janela é reveladora

de dinâmicas distintas
de realidades distantes:

lá fora, o movimento
cá dentro, o estável

lá fora, o efêmero
o difuso, o incerto
cá dentro o seguro
o correto, o concreto.

III - A Conclusão

A janela é um divisor de águas
de costumes, estilos, ritos
- em casa somos assim
- na rua, nem assim -
parece que somos
(e pensamos)
diferentes
por dentro ou por fora
da janela

como dentro e fora
de nós mesmos.

Ritualizações e discursos
são bem complexos:
também vamos mudando
transformando, metamorfoseando
comportamentos
raciocínios
relacionamentos
à medida que andamos

pela casa (como num palco):
na varanda somos sociáveis
nas salas, mais hospitaleiros
na cozinha, mais informais
e no quarto somos
possessivos
nas áreas de serviços
autoritários
nos banheiros, ególatras
sem máscaras
narcisistas.

Precisamos de roupas, atitudes
vocabulários e lógicas próprias
para cada cômodo
para cada espaço urbano
de um lado e de outro
da janela.

A janela é um espelho
de duas inconformidades.

O HOMEM CORDIAL

I

A violência difusa como uma névoa
ébria ocupa todos os espaços
por dentro e por fora
numa confusa progressão
- pela televisão.

Múltiplas formas de violência
nas fraturas das estruturas
com a incidência e permanência
de uma outra ordem social
- a do PCC.

Uma globalização aqui dentro
da sala, em versão digital, midiática
e interativa, numa espetacularização
que avilta nossa solidão narcisista
e contemplativa.

Reduz-nos a uma incerteza constante
intranscendente, irreduzível, espantosa
nutrida de conflitos congênicos, sem alarde
cercada de grades e despistamentos
do medo.

II

É a hora da coerção e da força, da
corrupção
e do arbítrio, da dominação e da submissão
nas dramatizações dos noticiários
dos crimes e das fantasias consumistas

irresistíveis.

Há uma racionalidade da violência que permeia o nosso atônito comportamento, um vago hedonismo e um prazer de sado-masiquismo bestial!

A polícia matando civis
e bandidos executando policiais
numa fúria de maniqueísmos
com a nossa solidariedade secreta
e ambivalente:
a gente acorda policial e dorme bandido
numa alternância aniquiladora de
contrários: policial e bandido nascidos
e criados na mesma família em espaços
alternados.

Numa alteridade previsível e necessária
numa ubiqüidade virtual de identidades
máscaras consangüíneas, reversas
de uma mesma e única realidade:
dialética.

III

Violência e democracia em paralelo
contrapondo-se e apoiando-se
numa complexidade ou complementariedade
paradoxal - da justiça com requintes
de crueldade.

Da justiça ineficiente, cara e arbitrária
fazendo a apologia do crime

por contradição - da paz armada
e da violência protegida pelo imaginário
justiceiro.

A violência da polícia como paradigma
da eficácia - e a falácia
dos direitos humanos em que se mata
para proclamar e fazer justiça
e dar segurança.

Um linchamento pelas imagens montadas
que desfrutamos com mórbidos prazeres
numa perversão de valores e sentidos
presumidos de razão e consentimento
divinos.

A CASA DA CHÁCARA

Para Lourdes Planas

A casa da chácara reclama
seus mortos futuros
sem nenhum preparo
mas não por falta de aviso.

Há um tempo de vida
e outro - mais pesado - de morte
em todas as coisas:
tempos tangentes.

Um que flui por si mesmo
paralelo ao que se ruma

sem qualquer possibilidade
de reconciliação amanhã.

Um tempo que se constrói
de uma forma metafísica
e outro que se destrói
dialeticamente.

Tempo que
corrói
o próprio tempo
insustentável
e oco
- um ovo
por dentro e por fora,
sem solução.

Paralelas e tangentes
ao mesmo tempo
(se isso fosse possível)
num derradeiro encontro.

A casa da chácara tem a memória
encardida,
apodrecendo os alicerces.

INOMINÁVEL

Que resta das coisas
sem os nomes?

O gato é um feixe de ossos
ambulantes com bigodes

a montanha ia a Maomé
mas ele já está cego

estas cartas de amor azedaram
e parece que vão explodir

há um transatlântico bêbedo
na Esplanada dos Ministérios

enquanto o Presidente
gravita em torno da terra

como um objeto-voador-não-identificado
fora de alcance dos rastreadores da NASA.

PAISAGEM

pedrasburacospostesarames
agaveslixogramapedraspedras

paisagem imóvel como um muro
um céu de chumbo estagnado

pedrasmontículosmatoralo
palavras-coisas estáticas ocas

este ar saturado de pré-chuva
este chão sovado caminho torto

pedraspostespedraspostespedras

ENTRE PURO E OBSCENO

Para José Antonio Pérez-Montoro

Depois de teus sonetos ler e salivar
a revolver em busca de lascívia e mel
os vinte e cinco poemas, de um só tropel
e, acinte, é que fico aqui eu a cismar.

Se pode haver pornografia em amar
mesmo que o amor seja reverso e cruel
ainda que a soldo no mais reles bordel
ou mesmo na inversão de corpos a arfar.

Não seria no ato que se pratica
nem poderia estar naquele que fornicava
ainda que na condição mais canalha

mesmo que nem seja amor, seja mortalha
imunda, perfídia, que só valha
o ditado: amor que fica é o de pica.

MENINOS-DE-RUA (MANEIRISMO)

Para Ivo Barroso

I
Em grupos, como passarinhos assustados
correndo, saltando, gritando, assanhados
num ar
rastão desenfreado.

Dão patadas no ar em exercícios atabalhoados
saltimbancos, mambembes, desconcertantes
pernadas: saltitantes.

Pelas calçadas, à deriva, espreitando
pedindo, cantando, rindo e cheirando
sem afin

co, lá
fora.

Sem sapatos, rasgados, talvez com fome
certamente sem nome, fumam, bebem
(vida má!) sonha

m que barato!

II

Sonham com um teto de vidro na hora
da chuva, com paredes quando é frio
e com a Santa Ceia.

Com Jesus quando falta a luz
com a mãe quando não há pão
e até com o pai.

Abandonados, escorraçados, enxotados.
Sonhando até com brinquedo na ocasião
erna do medo.

Neófitos, noviços, horror: catecúmenos
do crime de que tanto são feitores
quanto vítimas.

Marcados como bichos em manadas
foragidas, sonham com camas, cobertores
sobremesas.

III

Encurralados, abrem caminho
com uma faca aguda na mão
seu esp

aço.

Vagam em bandos pelo mundo
dispostos a tudo, numa tar
de sem melhor opção.

Delinqüentes? Trombadinhas? Viciados?
Vêm-se maneiros, super-heróis, libertos
espertos.

Não querem apenas ser livres
querem liberdade, família
oportunidade.

Sentem-se poderosos, como artistas
numa identidade que é da rua
ou de gueto.

Numa espécie de contracultura
que expressam e cantam ráp
ido, com fúria.

Temem apenas a lei do mais forte
a morte pela mão do justiceiro
ou da polícia.

SONS INTERIORES

Os sons
que vêm de dentro
aos ouvidos interiores
são tão intensos!

Ouç-os, silentes
mas como eclodem
nos tímpanos!

Sons da mastigação
da saliva áspera
do roçar de dentes
e até dos ossos
e gases insurrectos.

Uma polifonia surda
e, no entanto, perceptível
pelos sentidos
mais apurados.

Não há silêncio
no corpo
-roces externos
reverberam
magnificados.

Há também
o eco, oco
de sons forâneos
codificados

ganhando significados:
presságios, medos
alívios.

Deve haver
um diálogo entre
os sons de fora
e os de dentro
com gramáticas
próprias:
inteligíveis, mais
que audíveis;
audíveis
porque inteligíveis.

O PÁSSARO

Para Manoel de Barros

O pássaro voando
vai assim reconhecendo
sua paisagem serena
numa visagem atenta.

Aquela parca aragem
que perpassa e refresca
aquela quase miragem
de seu vôo, plainando.

Busca as frondosas
pousagens, tão altas
nos galhos, de passagem
onde há de repousar.

POSFÁCIO

A idéia de uma obra exclusivamente dedicada a 'retratar pessoas e personagens, surgiu por volta de 1964, quando eu ainda morava no Rio de Janeiro. Da vertiginosa produção de versos daqueles tempos - escrevia-os na escola, no 'lotação' e no bonde, na praia e em qualquer lugar, o tempo todo, compulsivamente; não podia andar sem um papel e uma caneta... - alguns poemas constituíram uma 'Série Retratos'. Sobreviveram poucos daqueles cadernos de versos, depois de tantas mudanças de endereço. Destacamos dois: 'Close Up de Célio' sobre o perfil de um colega e 'Retrato de Hugo' sobre um menino pobre de Curitiba. Versos de juventude, servem para contrapor à produção atual, sem pretender demonstrar qualquer evolução ou transformação técnica, apenas para revelar uma mudança de visão do mundo.

CLOSE UP DE CÉLIO

1. As sobrancelhas
-criticas- num
vão breve
em torno
de si mesmas.

2. São mais
a continuidade
aguda
e leve
do seu nariz.

3. Suspensas,

levemente,
como em arcos
para o alce
súbito.

4. De tal sorte
erguidas
 que em seu
 curvo vôo
 a orbicular.

5. Os olhos azuis
que a projeção
- intensa
luminosa -
acompanha.

6. Para o alto
em diagonal
para os cílios
as sobrancelhas
do sonho.

7. Também a boca
sugerida
 (insinuadas,
 - aos dentes,
 o riso - as sobrancelhas).

8. O cabelo, liso,
louro, em
réstias de
milho verde,
o declive.

9. Momento breve,
as pontas às
orelhas, erguem
em bico, as
sobrancelhas.

10. As sobrancelhas
e a canção
- fléxeis frestas
as arcadas -
no seu close up.

RETRATO DE HUGO

A cor dos olhos de Hugo:
Uma castanha tímida
mesmo inteira.

O brilho dos olhos de Hugo:
cristalino e manso
embora indeciso.

A voz de Hugo.
A voz de Hugo era ainda mais jovem que ele,
horizontal e suave:
não continha nenhuma revolta.

A ternura de Hugo:
estava sempre a favor de.
em seu frágil raciocínio.

Não desejava maior mundo

além do que possuía:
a sua beleza de efebo
e os sonhos de menino pobre
que eram a sua riqueza.

A beleza era a sua chave
no mundo
e disto tinha consciência.

Poesia Reunida

CALIANDRA: POESIA EM
BRASÍLIA.

Antologia com 35
poetas residentes em
Brasília, volume
primoroso de André
Quicé Editor, 1995.

DA PERSPECTIVA DO CORPO

Meu corpo tem vontades próprias
alheias ao meu consentimento.
Transgridem valores e parâmetros
de comportamento,
descontroladas de si mesmas.

Um corpo precário,
perdulário.
Um corpo que contemplo fora de mim
para não deixar-me dominar por ele.

O corpo é lúcido, arbitrário.

Em sendo corpo,
sou temporal e finito.
Amanhã, serei outro.

Como corpo estou, nem sou.
Como um halo, como emanção
da matéria em combustão.

Corpo aberto, corpo receptivo.

É a mente que castra,
que inibe, que delimita.
O corpo é fátuo e é fausto.

Odeia a inércia,
o desuso, o descaso.

Enquanto corpo sou de todos,
e menos de mim. .

DO DISTANCIMENTO DO CORPO

Saio de meu corpo
para poder contemplá-lo.

O corpo pode pouco.
É fraco, é frágil.

Contemplo-o com superioridade
e com resignação.
Só ele me move, me leva.

Sou mais do que o meu corpo permite.
É um volume pesado de carregar.

Ele envelhece antes de mim.

Corpo inconsútil, narcisista
mas sem amor próprio.
Infiel, insensato.

Todo jovem é belo. Belo e cruel.
Achando que a vida é,
por excesso,
infinita.

Mas o corpo tem sua memória,
como tatuagens indelévels.

Tudo bem: o corpo dá prazer,
mas tira mais do que dá.

Prazeres redivivos, revividos,
ruminados.

Exala o corpo venenos e fragrâncias,
resistências impossíveis.

Insaciável, o corpo explode
em demandas que não se quer.

Afinal, o corpo excreta seus próprios
humores.

DA MORTE

Diante do espelho
não me reconheço.

O corpo que aparece
nem sou eu.

Várias são as mortes do corpo,
inclusive a derradeira.

Mortes passageiras,
parciais, mortes menores.

A morte é a única
e maior verdade do corpo.

Para o corpo só existe a vida.

O corpo participa da vida
como um todo.
Maior.

Vida circunscrita, delimitada,
enquadrada
na vida maior, de que é parte.

Enquanto corpo, é fração de vida,
enquanto morte é consciência
do corpo.

Morte, norte.
Vida.

CAMINHOS DE INTEGRAÇÃO

Antologia trilingüe
(Português, Espanhol e
Inglês) organizada por
Sofia Vivo, com poemas
de Antonio R. Miketen,
Anderson Braga Horta,
Antonio Miranda, José
Santiago Naud, pelo
Brasil; Mabel Chánaton e
Manila Chánaton da
Argentina, Sofia Vivo,
do Uruguai e Trina
Quiñones, da Venezuela,
Editora Thesarus,
Brasília, 1993.

RETRATO 3 x 4

Esse que aparece
na fotografia
não sou eu:
é o que fizeram de mim.

Enforcado,
de gravata,
no rito burocrático.

Transparece um modelo padronizado
conforme os regulamentos em vigência.

Sem sinais particulares

ou qualquer assomo individualista;
é, antes,
o protótipo ou fotocópia
de uma imagem pública e repetida,
pré-moldada.

De frente,
com olhar taciturno e impessoal,
assemelhando-se a qualquer outro
e nunca a si mesmo
-que há muito deixou de existir
na contabilidade dos recursos humanos
monotamente igualizados
nas desigualdades racionalizantes.

O terno seriado
e o olhar emprestado
de ícones executivos
com documentação farta
e direitos protegidos.

Devidamente protocolado,
carimbado,
predisposto à comodidade
dos arquivos-mortos.

QUEM É QUEM

*Em que altura
ou dimensão
o poder dá tontura
ou dá tesão?
Anônimo burocrata*

Que frágil é o equilíbrio
no organograma!

Um exercício de malabarismo
ou, antes,
a síndrome do artifício.

E o poder,
é vertical no cronograma?
É horizontal e sonoro,
auto-sustentável
no pentagrama?

Seria a dialética
dos antagonismos
ou arbítrio
dos conformismos?
Um gesto de conciliação
nos dualismos
ou o prêmio à paciência
e à submissão?

Ato contínuo
e racional?

Anormal?

Um golpe de dados abolirá o azar?

E você, quem é,
na estrutura?

Sua ossatura
em que dossiê é sepultada?

Quem decide o seu nível de calorias,
as suas, as nossas mordomias?

E a inteligência
é sinônimo de sobrevivência?

Subserviência
eleva-se ao nível de ciência?

Quem resgata a vida,
enquadrada
em normas e preceitos?

(São dogmas ou são preconceitos?)

A nossa vida
alugada
e confinada
- é tudo ou nada?

A FOTO E O OLHO

A foto na parede imobiliza o retrato
mas é inútil: quem o contempla,
desbotado do tempo,
se imortaliza na transitoriedade.

O momento retido
é refletido na objetiva fugaz,
o olho que desvenda
inverte o instante
e inventa a transcendência.

É impossível: a foto mente
ao desvendar o seu mistério
de fóssil sujeito à restauração.

O olho é que refaz o retrato
na memória
e não a foto que é ilusória
em sua vã materialidade.

O FATO E O OLHO

O fato na praça imobiliza e retrata
e é sutil: quem o contempla
desgastado pelo tempo
se imbeciliza pela mordacidade.

O momento perdido
é irrefletido no subjetivo falaz,
o olho que desvenda
trasveste o instante
e inverte a abundância.

É possível: o fato desmente
ao receber o seu mistério
difícil respeito à razão.

O olho é que desfaz a retreta
na memória
e não o fato que é ilusório
em sua vã fatuidade.

O FITO E O OLHO

A foto na parede impermeabiliza a retreta
mas é inútil: quem a contempla,
despistado pelo tempo,
se esteriliza na corporeidade.

O momento roído
é percebido na objetiva capaz:
o olho que desvela
desveste o instinto
e investe à proeminência....

É até possível: o fito aumenta
ao destapar o seu mistério
de físsil sujeito à explosão.

O olho é que faz o retrato
na poesia
e não a palavra que é ilusória
em sua vã linearidade.

AMANHÃ

Qual o significado de
amanhã?
ave malsã?
borborema,
maracanã?

Quem sabe o tempo
estanca
estica

e fica como está
agora e já!

Afinal,
por que final?

Por que amanhã
se é sempre hoje
se é sempre um dia
e outro dia
e nada mais.

Amanhã é jamais!

E mais e mais!

A FRUTA

É a fruta madura
intumescendo,
ejaculando
iridescente,
disseminando.

Fruta cortada,
ferida,
exalando provocações
irrecusáveis.

A fruta no prato,
o corpo na cama,
é o pranto que acalma,
é a natureza natimorta
que exorta

e clama.

Fruta colhida,
tolhida,
prostrada,
possuída,
aguardando a consumação.

É a fruta na mão.

A QUADRATURA
DO Ó,
ou a maravilhosa
estória do fanzoca
que idolatrava
Emilinha Borba

Romance publicado
pela Thesaurus
Editora, Brasília,
em 1979, com capa de
Inácio da Glória, em
que aparecem dois
poemas escritos como
sendo de autoria do
personagem Mércio. A
ironia foi a forma
encontrada para
delatar a alienação
e a repressão da
época final da
Ditadura.

SHOCK DO FUTURO

Antes que acabe
antes que chegue ao fim
deixa eu comer o meu pudim.

Fome, miséria e privação
não maculam o meu apetite.

O verso é ruim mas rima, não é?

Oh
fome e miséria
não são assuntos para a hora do banquete
não sou pintor de cavalete
já conheço todos os macetes
cacoetes...

Antes que chegue ao fim
antes que eu chegue ao fim
deixa eu roer o meu osso
sem remorso...

*(Poema escrito por Mércio Silveira, aliás Virgínia
para os mais íntimos, depois de uma discussão
filosófica com Wilza Carla).*

ORAÇÃO POR EMILINHA BORBA

*Até o céu está hierarquizado, cruz credo! Dona Genoveva,
personagem do romance. O poema parafraseia, de forma
laxa, o poema em homenagem a Marilyn Monroe escrito
por Ernesto Cardenal.*

Senhor,
um poeta atrelado nas arapucas do subdesenvolvimento
atolado nos seus preconceitos pequeno-burgueses
- mas nem por isso menos crédulo, menos devoto -
saúda e pede passagem,
traz o seu abre-alas
às portas do Teu Reino
para a sua musa: EMILILHA BORBA, a cantora do Brasil!

Ela não é uma artista de Hollywood
nem suicidou-se numa taça de champanha.

Veio do coração do povo
humilde, simples e verdadeira na sua simplicidade
veio do seio do povo
nunca posou para revistas como *Play Boy* e *Paris Match*
nem fingiu um casamento com um milionário estrangeiro.

A história dela, Senhor, Tu a conheces
melhor do que eu:
ganhou com simpatia o que outras ganharam com escândalos
amou em silêncio
ela mesma jamais entendeu a razão da sua glória
nunca deixou-se levar por mania de grandeza
jamais pecou por prepotência
continua humilde, Senhor, agradecida da sorte
honrada com o seu papel de Favorita das Favoritas
quem sabe vítima do seu destino
mas resignada a viver convictamente o seu papel
o papel que Tu lhe atribuíste.

Cantou onde seus fãs a exigiram:
nas estações de rádio, nos clubes aristocráticos
nos bailes de Carnaval
até mesmo nos pequenos circos
e nos mais distantes e modestos parques de diversões
onde o seu público se reunisse para ouvi-la.

Aquele era o seu povo
e aquele o seu país.

Nem havia Televisão em cada casa
nem estradas nem hotéis razoáveis
mas ela ia de cidade em cidade
peregrinando e cantando.

Havia um Brasil querendo ouvi-la
e ela amava o Brasil como ninguém.

Foi (é), Senhor
o símbolo para muitos de nós
que acreditamos na sua autenticidade:
ela veio do seio do povo
ganhou a fama mas não a fortuna
tornou-se o ídolo de milhões de seres anônimos
mas de carne e osso
que trabalham, que sofrem, que têm esperanças também
(como ela) de ganhar a fama e fortuna
pelo menos o pão e o teto.

Ela foi a esperança num momento difícil de nossas
vidas.

Emilinha, Senhor
brindou-nos essa oportunidade
abriu seu imenso coração para aquela gente
- para nós, Senhor, desejosos que estávamos de
comunhão -
ensinou-nos o caminho da virtude
apertou a mão de cada um de nós, embalou-nos
aconchegou-nos no seu infinito sorriso
porque ela sorriu e cantou para todos
e todos soubemos glorificá-la com flores e títulos:
FAVORITA DA MARINHA

A CANTORA MAIS QUERIDA DO BRASIL

E, no entanto, Senhor
jamais permitiu que depositássemos os ex-votos a
seus pés
ela mesma os recebia
ela, na humildade profética, não os aceitava para
ela própria
aceitava-os para o que ela representava
aceitava para a fé dos que a procurávamos
e dependíamos dela para existir.

Ela uniu esse país, Senhor
pôs o seu amor no coração desse país
cresceu com ele, cantou com ele
- todo o país em uníssono -
e mais não fez porque mais não podia.

Ela merece cantar no Teu Reino
como a nossa melhor representante.

Mércio Silveira

Poemas Avulsos

O SUICIDA REPENTISTA

Poema-reportagem originalmente publicado no jornal
Estado do Piauí, Teresina, N. 2012, 29 de Janeiro
de 1978, primeira página.

O nosso vizinho
- sozinho e soturno -
lançou-se, nuzinho, da Torre de Televisão.

O guarda-noturno
registrou, certinho, a sua ação:
sem documento ou razão aparente
apenas um sorriso no dente
(enigmático mas sintomático)
foi registrado no momento.

Que levaria um homem ao suicídio?
Um amor preterido, um emprego inseguro,
uma incerteza no escuro
ou a certeza de que - apesar das promessas -
tudo vai mudar para ficar como está?

Aliás, o defunto não deixou
qualquer manifesto ou despedida
formal.

Saiu da vida para entrar nas páginas dos
noticiários
como um desconhecido
desesperado
aborrecido com os outros e com ele mesmo
que lançou mão de seu gesto máximo de liberdade
para um simples lance de dados.

Nos mesmos jornais
prolixos, aliás
fala-se de sucessão e anistia
- coisas que ele, sem dúvida, sabia.
Jamais
na confusão de sua revelia
computaria a correção monetária
de sua vida ordinária
e lançaria um olhar de morraço
sobre os idos de março.

FUTUROLOGIA

Uma sociedade em que as pessoas
nada têm
mas de tudo usufruem.

Olhando no retrovisor
assim haverá de ser
a sociedade do futuro.

Retratos & Poesia
R e u n i d a
foi composto em tipografia
AGaramond, corpo 11,5pt e
impresso em papel Paperfect
75g nas oficinas da
THESAURUS EDITORA DE BRASÍLIA.
Acabou-se de imprimir em
agosto de 2004 no oitavo
mês do quarto ano do
Terceiro Milênio.